

AS IGREJAS CRISTÃS E O FENÓMENO DO POPULISMO NA EUROPA O ROSTO DE UM CRISTIANISMO AMBÍGUO¹

THE CHRISTIAN CHURCHES AND THE PHENOMENON OF POPULISM IN EUROPE THE FACE OF AN AMBIGUOUS CHRISTIANITY

LAS IGLESIAS CRISTIANAS Y EL FENÓMENO DEL POPULISMO EN EUROPA EL ROSTRO DE UN CRISTIANISMO AMBIGUO

Vitor Manuel Raposo Rafael¹

Resumo

O fenómeno do populismo na Europa tem tido nestes últimos tempos uma expressão significativa face aos fluxos migratórios de refugiados provenientes do Norte de África e do Médio Oriente, os quais vêm fugindo da guerra e à procura de segurança e melhores condições de vida. O surgimento de partidos radicais de extrema-direita, com os seus discursos fortemente nacionalistas, tradicionalistas e xenófobos têm sido um verdadeiro desafio para as igrejas cristãs aqui na Europa Ocidental. Estas são por vezes instrumentalizadas pelo populismo, mas também têm sido igualmente verdadeiros rostos de hospitalidade, solidariedade e paz, algo que é um dos basilares da atual União Europeia.

Palavras-chave: Igrejas cristãs; Populismo; Migração; Género; Religião

Abstract

In recent times, the phenomenon of populism in Europe has had a significant expression in the face of migratory flows of refugees from North Africa and the Middle East, who are fleeing from war and in search of security and better living conditions. The rise of radical parties of the extreme right, with their strongly nationalist, traditionalist and xenophobic discourses, has been a real challenge for the Christian churches here in Western Europe. They have sometimes been exploited by populism, but they have also been real faces of hospitality, solidarity and peace, something that is one of the cornerstones of the current European Union.

Key words: : Christian churches; Populism; Migration; Gender; Religion.

¹ Mestre em Ciência das Religiões pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. E-mail: vitorraf@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0630-6938>. CienciaVitae: <https://www.cienciavitae.pt/portal/E415-C825-30D9>

Resumen

En los últimos tiempos, el fenómeno del populismo en Europa ha tenido una importante expresión ante los flujos migratorios de refugiados procedentes del norte de África y Oriente Medio, que huyen de la guerra y en busca de seguridad y mejores condiciones de vida. El auge de los partidos radicales de extrema derecha, con sus discursos fuertemente nacionalistas, tradicionalistas y xenófobos, ha supuesto un verdadero desafío para las iglesias cristianas aquí en Europa Occidental. A veces son instrumentalizados por el populismo, pero también han sido verdaderos rostros de la hospitalidad, la solidaridad y la paz, algo que es una de las piedras angulares de la actual Unión Europea.

Palabras clave: Iglesias cristianas; Populismo; Migración; Género; Religión

Introdução

Segundo últimas estatísticas, o número de europeus que afirmam não praticar qualquer religião tem vindo a aumentar nestes últimos tempos. Em contrapartida, desde a década de 1960, com a chegada de trabalhadores migrantes, habitantes de ex-colônias e refugiados, o número de muçulmanos na Europa tem vindo a aumentar (STATISTA,2021). Como então explicar, após décadas de secularização, a ascensão de partidos populistas radicais de extrema-direita cuja linguagem se vai socorrendo de sentimentos nacionalistas, da tradição e muitas vezes da linguagem religiosa? Podia parecer à primeira vista, que tem havido aqui um certo retorno de muitos à religião dos seus pais e avós. Segundo Nicholas Morieson, não existem indícios alguns que os europeus estejam a ficar mais religiosos. O que acontece é que, regra geral, esses partidos populistas não incentivam os seus apoiantes a irem à igreja, a acreditarem em Deus ou a praticarem os tradicionais valores cristãos, mas antes a afirmarem as suas respetivas identidades culturais e nacionais, aliás produto de uma tradição cristã ou judaico-cristã que ou engloba - ou produziu - o secularismo (MORIESON, 2021).

A primeira parte deste artigo irá analisar o fenómeno do populismo na Europa, principalmente o que surge no contexto da emergência dos partidos de direita radicais populistas que se começam a estabelecer em grande parte como consequência de uma variedade de transformações sociais, sobretudo a da imigração em massa. As três secções seguintes abordarão a

instrumentalização pelo populismo dos fluxos migratórios recentes, das questões do gênero e da religião. Na última parte tratará acerca da postura de algumas igrejas, por vezes ambígua, tanto no seu discurso como na sua práxis, perante o fenómeno do populismo, especialmente aquele expressado essencialmente pelos partidos radicais de extrema-direita.

O fenómeno do populismo na Europa

Muito se terá ainda a teorizar acerca do fenómeno do populismo que tem vindo a grassar ultimamente o velho continente, particularmente no centro e sul da Europa. Sabe-se que o termo populismo pode ter diversos significados e até estudado através de variadas abordagens. Segundo Cas Mudde e Cristobal Rovira Kaltwasser, o populismo poderá ser definido como uma ideologia ténue que, em última análise, considera a sociedade como separada em dois grupos homogéneos e antagónicos: “o povo puro” e “a elite corrupta”, e que defende que a política deve ser uma expressão da vontade geral do povo. As características centrais da ideologia populista são o monismo e o moralismo: tanto “o povo” quanto “a elite” são vistos como se partilhassem os mesmos interesses e valores, enquanto a principal distinção entre eles é baseada na moral, ou seja, “puro” versus “corrupto”. Os variados estudos tendem a distinguir pelo menos três tipos ideais de populismo que se relacionam vagamente com áreas geográficas e períodos de tempo específicos: os populismos agrários, que surgem nos EUA e Rússia nos finais do século XIX, o socioeconómico que aparece em diversas manifestações após a Grande Depressão dos anos de 1930 e também na América Latina e, finalmente aquele que nos interessa focar, o populismo estudado aqui na Europa desde finais do séc. XX, o chamado populismo xenófobo. Este começa a manifestar-se quando partidos de direita radicais populistas começaram a estabelecer-se em grande parte como consequência de uma variedade de transformações sociais, sobretudo a da imigração em massa (MUDDE & KALTWASSER, 2013).

Apesar do populismo de massas não ter grandes tradições na Europa ocidental, sabe-se que, até praticamente às grandes revoluções industriais dos séculos XVIII e XIX, os fluxos migratórios decorriam normalmente por motivos

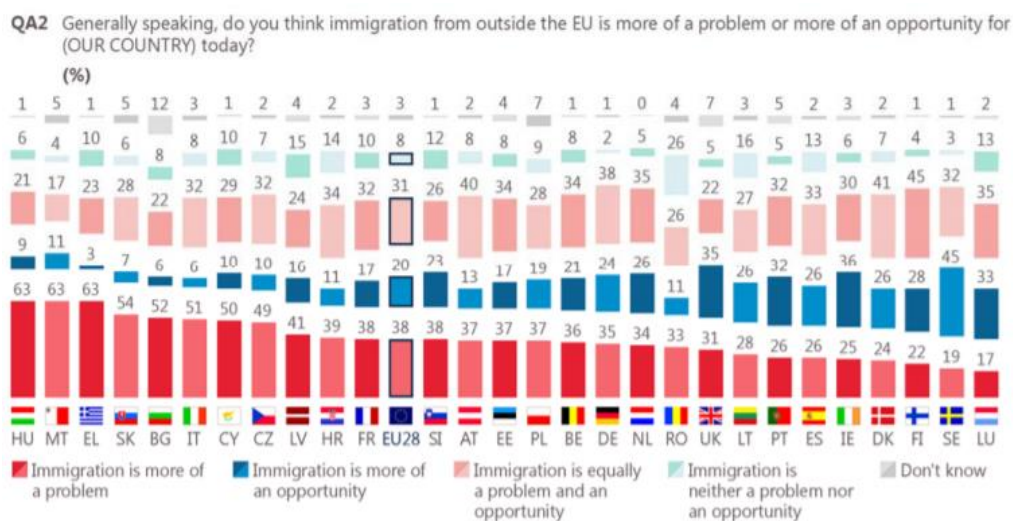
políticos e religiosos a par das migrações sazonais de trabalhadores agrícolas ou até da migração de elites, comerciantes ou estudantes, mas eram essencialmente migrações internas e dos meios ambientes rurais para as cidades. Mas estes processos de globalização que têm ocorrido nestes últimos tempos e que tem vindo a abater fronteiras, tanto físicas como mentais, flexibilizando até movimentos migratórios e de refugiados, tem sido usado pelo populismo a fim de instigar insegurança e medo junto das populações, muitas vezes em nome de uma defesa cultural. (BRISSOS-LINO & MONIZ, 2021).

Populismo e migração

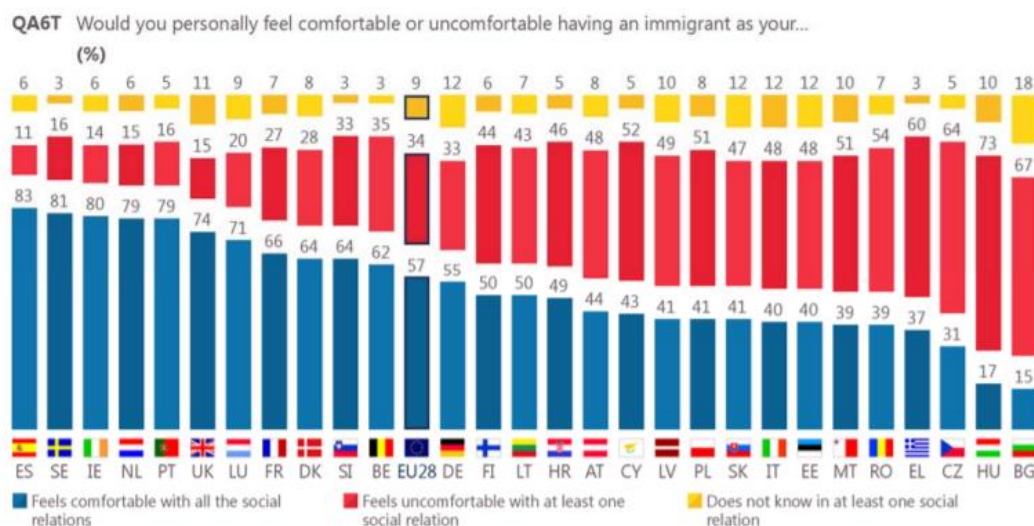
Uma das bandeiras usadas pelos partidos populistas de extrema-direita tem sido a questão dos fluxos migratórios para o continente europeu, principalmente a partir daquela que foi a maior crise de refugiados enfrentada pela humanidade após a Segunda Guerra Mundial. Cerca de milhão e trezentos mil refugiados e imigrantes cruzaram o Mar Egeu em botes na tentativa de chegar à Europa e na esperança de uma vida melhor. Muitas destas pessoas, em situação muito vulnerável, fugiam da guerra e do terror na Síria, Iraque e de outros países conturbados, sendo que, quase 90% pagaram a grupos do crime organizado e passadores para poderem atravessar as fronteiras. Consequentemente, são conhecidos como migrantes «em situação irregular», ou seja, que não entraram no território da UE por meios legais. Muitas destas pessoas, pretendendo alcançar posteriormente outros países da UE, como a Alemanha ou a Suécia, causaram problemas a outros estados-membros para chegar ao seu destino final, como, por exemplo, a Croácia, a Hungria, a Áustria e a Eslovénia. Cinco Estados-Membros da EU, a Hungria, Itália, Áustria, Alemanha e Suécia, receberam três quartos dos pedidos de asilo em 2015. (EUROPEAN COMMISSION, 2016).

Em inquérito levado a cabo pela Comissão Europeia acerca da integração dos imigrantes em outubro de 2017, verificou-se que quase 4 em cada dez dos inqueridos acham que a imigração irá gerar mais problemas do que oportunidades (38%). Os que acham que a imigração poder ser gerador, tanto de problemas como de oportunidades, ainda constituem 31% das respostas.

Países como a Hungria, Malta, Grécia, Bulgária e a Itália tiveram mesmo índices acima dos 50% das respostas negativas.



No mesmo inquérito e quanto às possíveis relações sociais com os imigrantes, verificou-se que cerca de 34% admitem que se sentem desconfortáveis com os mesmos. Verifica-se aqui que alguns países, como a Bulgária, Hungria, República Checa, Grécia, Polónia e Chipre, têm percentagens superiores a 50% das respostas negativas (EUROPEAN COMMISSION, 2018).



De certa maneira os grandes problemas levantados pelos populismos de extrema-direita com as migrações de fora da Europa, principalmente dos refugiados oriundos de países do Norte de África e Médio Oriente, têm a ver essencialmente com o aproveitamento do choque de cultura, insegurança e medo por parte das populações nativas. Esses refugiados representam culturas desconhecidas, falam línguas desconhecidas e parecem estar mudando o quando que prevalecia anteriormente. A última coisa que se espera de alguém que tem medo de empobrecer, de perder o seu emprego e status num mundo em constante mudança forjada pela globalização, é a percepção de que o seu ambiente e cultura habituais também estão a passar por mudanças radicais (BOROS et al., 2019).

Populismo e género

As migrações podem colocar também em causa essa visão dos partidos populistas de extrema-direita de uma sociedade hierarquizada com base na lei da natureza e nas tradições. A família é ainda para muitos a instituição tradicional para a reprodução e um dos fatores críticos para a saúde demográfica da nação. A família é, além disso, a principal instituição através da qual a próxima geração adquire a língua, cultura e valores da comunidade nacional. Não será de estranhar que os movimentos populistas modernos vejam a instabilidade da família como uma explicação para o declínio nacional (TURNER, 2019). As questões do género são vistas igualmente como uma ameaça às profundas crenças internas, ou seja, àquilo que é considerado apropriado por parte considerável das populações que se sentem invadidas pelo discurso contaminado do progressismo (DIETZE & ROTH, 2020).

Contrariamente a uma grande maioria da população europeia que vai já aceitando as relações homoafetivas, ainda persistem na Europa Central, designadamente na Polónia, Hungria e Bulgária, altos índices de não aceitação do casamento de pessoas do mesmo sexo, algo que é certamente aproveitado pelos partidos populistas de extrema-direita em defesa do modelo tradicional de família. Muito recentemente o governo populista do primeiro-ministro húngaro Victor Orban alterou a constituição a fim de redefinir a família, promover o

aumento da natalidade e limitar a adoção de crianças por parte de casais LGBTQ. A nova constituição húngara define família como “baseada no casamento e na relação pais-filhos. A mãe é uma mulher, o pai um homem” Também determina que os pais criem os filhos com um espírito conservador. A ministra húngara da Justiça Judit Varga dirigindo-se às mulheres e promovendo o modelo tradicional de família, afirmou que “Não acredite que nós, mulheres, devemos competir continuamente com os homens, Não acredite que em cada momento de vigília devemos estar à altura e ter pelo menos posições tão altas ou salários tão altos quanto os homens” (ROUTERS, 2020). São certamente posições misóginas, promovendo o patriarcalismo, onde o papel principal da mulher é essencialmente o de procriar e cuidar dos filhos. Neste caso concreto da Hungria, país que há semelhança do resto da Europa revela já um progressivo envelhecimento da população, o incentivo à natalidade tem por pano de fundo a ameaça das imigrações, especialmente aquelas oriundas de países muçulmanos. Verifica-se assim que muitos dos populistas de extrema-direita têm, de certa maneira, um discurso contra o feminismo e igualdade do gênero, e que são entendidos por estes como uma ameaça contra narrativas de gênero que se envolvem com uma nostalgia masculina. Este masculinismo não é realizado apenas ao nível individual, mas também alimenta as narrativas da nação, produzindo um nacionalismo de gênero que busca resgatar a ideia de uma nação forte que foi enfraquecida pela feminização. (AGIUS et al., 2021).

Populismo e religião

De acordo com relatório da Pew Research Center realizado em finais de 2018, a paisagem religiosa da Europa está a mudar: parte da população que se assume como cristã está em declínio enquanto aqueles que se afirmam como não tendo qualquer filiação religiosa está a aumentar. Entretanto, as populações muçulmanas continuam a crescer tanto em termos absolutos como percentuais devido à imigração, às taxas de fertilidade relativamente elevadas e uma população relativamente jovem (PEW RESEARCH, 2018). No entanto estes movimentos migratórios de pessoas que, longe das suas casas, escapam à pobreza e à violência e que vêm em busca de segurança e de melhores

condições de vida, têm gerado sentimentos de inquietude junto dos europeus. Este mal-estar europeu é expresso em receios que vão desde a concorrência desleal no mercado de trabalho e a redução do acesso aos serviços sociais nos países de acolhimento até à perceção da ameaça colocada pelos migrantes às identidades nacionais, homogeneidade étnica e segurança. No meio de tudo isto, o papel crescente da religião tem sido cada vez mais um fator a ter em conta na discussão acerca da imigração.

Enquanto a imigração entre países europeus é vista somente em termos económicos, alguns têm visto a imigração de países terceiros cada vez mais discutida no âmbito de uma narrativa de "choque de culturas", particularmente no que diz respeito às populações muçulmanas. Estes cenários têm vindo a também a beneficiar o surgimento dos movimentos populistas, os quais vão explorando o senso generalizado de declínio nacional, a imigração fora do controle e uma sufocante correção política na vida pública (BOROS et al., 2019). Aparece igualmente a bandeira da defesa do tradicionalismo religioso, neste caso do cristianismo contra essa ameaça infundada da possível importação dos radicalismos e conservadorismos da parte dos emigrantes. Nesse "atual contexto de elevados níveis de medo e hostilidade aos muçulmanos", observa Tariq Modood, professor de sociologia, política e política pública na Universidade de Bristol no Reino Unido, os esforços para desenvolver o cristianismo cultural como uma "ideologia de oposição ao Islão" são tanto um desafio ao pluralismo e à igualdade, como "um risco para a democracia" (MODDOD, 2011). Será necessário lembrar que é no contexto dos recentes atentados de 11 de setembro e da coordenação internacional no combate ao terrorismo, que surge então a aversão ao Islão ou ao que é islâmico. Conforme aponta Jorge Botelho, a islamofobia como um subtipo de populismo religioso, "assumiu um lugar central" no discurso político do "mundo Ocidental" e isso provocou um aumento do sentimento islamóforo (BRISSOS-LINO & MONIZ, 2021).

O Populismo Religioso, ou seja, as relações entre populismo e religião, é ainda uma área pouco explorada nas pesquisas sociais. Os recentes fenómenos populistas que surgiram recentemente na América, tanto nos Estados Unidos, como no Brasil, revelaram uma estreita correlação entre política e religião,

algo que acabou também por acontecer na Europa, particularmente nalguns países do centro. De facto, como afirma o Brissos-Lino, esses tipos de populismos hipotecam valores essenciais da fé em nome de outros interesses, dando ocasião a processos de desvirtuamento do próprio sentido da religião. Regra geral, os líderes populistas religiosos conseguem criar a ilusão de proximidade com as massas, criando uma empatia com os seus medos, necessidades e aspirações (BRISSOS-LINO & MONIZ, 2021).

Na Polónia, país com cerca de 87% de católicos e com 41% de índices de participação regular aos serviços religiosos (PEW RESEARCH, 2017), o partido de Jaroslaw Kaczynski, líder do partido conservador obteve o apoio da poderosa Igreja católica liderada pelo Cardeal Kazimierz Nycz, arcebispo de Varsóvia. As políticas antiaborto e casamento de homossexuais defendidas por este governo populista, foram muito bem acolhidas pela própria Igreja. Num recente ensaio, o filósofo e teólogo padre Tomáš Halík referiu que “a tentativa de Jaroslaw Kaczynski transformar a Polónia num Estado católico autoritário é um exemplo perigoso da aliança entre religião e política que contribui para a secularização radical da sociedade polaca e desacredita o cristianismo aos olhos dos jovens e das pessoas com mais formação. Empregando a ficção de «um tsunami de homossexualidade pior que o comunismo» para assombrar as pessoas, alguns bispos acabaram por criar este «demónio», em que respira a força do seu medo e libertando-o para a sociedade. Criar demónios, em vez de fomentar o diálogo e a compreensão, é sempre perigoso” (HALÍK, 2020).

Outro caso de populismo que tem instrumentalizado a religião, é aquele verificado na Hungria, onde o líder de extrema-direita e primeiro-ministro Victor Orban juntamente com o Bispo László Kiss-Rigó da Arquidiocese de Szeged-Csanádi afirmaram que os refugiados islâmicos que entraram na Hungria não eram refugiados, mas sim, invasores. O próprio Orban, na sua mensagem natalícia de 2017 afirmou que “Os húngaros só podem sobreviver como cristãos e cada nova igreja é um bastião na luta do país pela liberdade e grandeza. (...) A Europa Ocidental está numa “fase de perda das suas raízes culturais e equilíbrio (...) O papel histórico e a missão que a civilização cristã da Europa desempenhou nos últimos 500 anos estão-se agora a enfraquecer e a

desintegrar. (...) A proteção da identidade constitucional da Hungria e da cultura cristã é um dever de todos os órgãos do Estado. (...) Numa democracia de base cristã, o Estado tem o dever de assumir a responsabilidade pelas comunidades tradicionais, desde a família, passando pelas congregações, até a própria nação” (ORBAN, 2017).

No sul da Europa, e agora focando-nos essencialmente na realidade portuguesa, tem sido muito debatido o surgimento do partido populista de extrema-direita, o Chega e que conseguiu eleger um deputado parlamento em 2019. Uma das possíveis leituras para o rápido crescimento deste partido, terá sido algum desgaste político e perda de confiança de parte da população nos órgãos de soberania portuguesa. O interessante é a tentativa de instrumentalização da religião por parte de alguns associados ao partido, os quais afirmam mesmo que "se queremos o País governado por Deus, temos de ter homens e mulheres tementes a Deus na governação" (CARVALHO, 2020).

Como refere Pedro Zuquete, “a ascensão do populismo religioso (na sua primeira dimensão, explícita, religiosa) é uma força contrária à visão da modernidade ocidental, governada pela racionalidade formal, e conceptualizada como um lugar de desencanto. Os movimentos populistas religiosos servem para reencantar o mundo e mostrar a crença de que a ação humana e divina estão inter-relacionadas. (...) Após a "eliminação gradual da política como um instrumento de salvação neste mundo" enraizada em grandes projetos e visões de um mundo melhor, os populismos religiosos tendem (em vários graus) a inundar a esfera política com um entusiasmo religioso, bem como zelo, profetizando uma visão da política como uma ferramenta para a fundação de uma nova sociedade” (ZÚQUETE, 2021).

As Igrejas perante o populismo: um rosto ambíguo?

De uma maneira geral, os sentimentos nacionalistas e as opiniões anti-imigrantes, antimuçulmanas e antijudaicas são mais comuns entre pessoas que se afirmam como cristãos a todos os níveis de prática, do que entre os europeus ocidentais sem filiação religiosa. Isto não quer dizer que a maioria dos cristãos tenha essa opinião: pelo contrário, na maioria dos países inquiridos apenas

algumas minorias de cristãos expressam opiniões negativas acerca dos imigrantes e das minorias religiosas. Acerca de outras questões fraturantes, vastas majorias de cristãos não praticantes e de adultos religiosamente não afiliados em toda a Europa Ocidental, favorecem o aborto legal e o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Nalguns alguns países, não há muita diferença sobre estas questões entre as atitudes dos cristãos que raramente frequentam a igreja e os adultos que não se filiaram a nenhuma religião. Por outro lado, os cristãos que frequentam a igreja são consideravelmente os mais conservadores em questões sobre aborto e casamento entre pessoas do mesmo sexo. Apesar de muitos verem a religião como uma estrutura moral útil, a maioria continua a defender a separação entre religião e estado (PEW RESERCH, 2018).

Questiona-se ainda se o peso do voto religioso, particularmente o da Igreja Anglicana, tenha tido alguma influência no êxito do processo Brexit cujas principais questões da campanha foram a imigração, a soberania nacional, o "déficit democrático" da UE e as vantagens e desvantagens para a economia britânica. Dos que professam a confissão anglicana, 66% disseram que votaram a favor, católicos 55% e os "nones", 47%. Sabe-se que o voto religioso desempenhou um papel significativo na vitória de Donald Trump em 2017, onde o voto cristão se encaixa muito melhor na descrição de populismo do que no Reino Unido: segue um líder forte, é crítico de muitos dos elementos liberais da democracia e contrasta o bom e piedoso povo com uma elite indigna de confiança. Pelo contrário, os anglicanos que apoiam Brexit defendem a democracia liberal contra as incursões da UE e não têm nenhum líder, partido ou movimento. A única característica do populismo que partilham é a defesa da sua identidade e herança etno-religiosa contra as elites que acreditam ser indiferentes ou hostis a eles (SMITH, Greg & WOODHEAD, 2018).

Calcula-se que desde o trágico naufrágio ocorrido no dia 3 de outubro de 2013, tenham morrido no Mediterrâneo mais de vinte mil pessoas. Nesse dia, cerca de 309 imigrantes ilegais provenientes da Eritreia e Somália que fugiam aos conflitos da Líbia e Médio Oriente, perderam a sua vida ao tentar chegar à Europa em busca de segurança e melhores condições de vida. Um dos maiores problemas para o populismo é certamente o Papa Francisco. A sua primeira

viagem fora de Roma foi precisamente a Lampedusa onde se encontrou publicamente com os refugiados e proferiu em homilia que “Estes nossos irmãos e irmãs procuravam sair de situações difíceis, para encontrarem um pouco de serenidade e de paz; procuravam um lugar melhor para si e as suas famílias, mas encontraram a morte. Quantas vezes outros que procuram o mesmo não encontram compreensão, não encontram acolhimento, não encontram solidariedade! E as suas vozes sobem até Deus!” (POPE FRANCIS, 2013). Em recente viagem ao Chipre e à Grécia, alertou igualmente contra o retrocesso da democracia que diz verificar na Europa. A democracia “exige a participação e o envolvimento de todos e, conseqüentemente, requer fadiga e paciência. É complexa, ao passo que o autoritarismo é despachado, e as garantias fáceis propostas pelos populismos aparecem tentadoras. Em várias sociedades, preocupadas com a segurança e anestesiadas pelo consumismo, o cansaço e o descontentamento levam a uma espécie de «ceticismo democrático». Mas a participação de todos é uma exigência fundamental; e não só para alcançar objetivos comuns, mas porque responde àquilo que somos: seres sociais, irrepetíveis e ao mesmo tempo interdependentes.” (POPE FRANCIS, 2021).

Face ao exposto, pode-se inferir que exista uma relação ambígua entre as igrejas cristãs e o populismo? Será que a instrumentalização da religião levada a cabo pelos partidos populistas de extrema-direita passa despercebida à grande maioria dos que se afirmam cristãos? Será o discurso do populismo mais persuasivo do que a mensagem cristã? Atendendo ao facto de que é precisamente entre os cristãos que se encontram maiores índices de sentimentos nacionalistas, opiniões anti-imigrantes, contra igualdade de género e casamento homossexual, talvez seja importante também aqui correlacionar a variável do chamado fundamentalismo religioso cristão e o impulso do populismo. De facto, conforme apontado por Nira Yuval-Davis, “a capacidade de evocar ‘Deus’, as escrituras sagradas, normas e práticas doutrinariamente justificadas, largamente utilizadas de forma extremamente seletiva, teve um efeito particularmente profundo e frequentemente devastador nas comunidades, especialmente em termos da mudança para normas e relações de género extremamente conservadoras, incluindo a heteronormatividade e um

aumento da homofobia. Aqui não são apenas os corpos e a sexualidade das mulheres que estão sujeitos a um controlo e policiamento extremos, mas também os corpos e as sexualidades dos homens. Os homens que não se enquadram nas normas hegemónicas de masculinidade e heteronormatividade também se tornam alvos extremamente vulneráveis dos movimentos religiosos fundamentalistas.” (AL-ALI & YUVAL-DAVIS, 2017). Estas características do fundamentalismo religioso poderão ser estendidas à direita secular e movimentos fascistas, como a construção da 'verdade' absoluta e a ascensão do populismo.

Ainda aqui um breve apontamento acerca da questão da separação entre estado e igreja, uma das mais importantes conquistas do Estado Moderno e da cidadania num Estado de Direito, e que é uma ideia que por vezes se esbate e até combate nos discursos populistas. O slogan “Deus-Pátria-Família”, tantas vezes usado pelo populismo de extrema-direita, encontra ainda em muitas comunidades religiosas cristãs esse ideário de estado teocrático e que apela à guerra contra tudo o que vai contra a tradição, os valores da família e a integridade na nação.

Por fim resta analisar um pouco o fenómeno dos “nones”, ou seja, dos “não filiados em igreja nenhuma”. É neste grupo – incluindo-se aqui aqueles que, não sendo ateus, acreditam em alguma maneira no transcendente – que se verifica os maiores índices de aceitação e convivência com outros provenientes de culturas e tradições religiosas diferentes, da igualdade do género, dos casamentos homossexuais e das práticas abortivas. Muitos destes “nones”, foram criados numa religião e agora se identificam como não filiados citam vários fatores como importantes na sua decisão de deixar a sua fé. A maioria diz que “se afastaram gradualmente da religião”. As maiorias também relatam discordar de posições religiosas sobre questões sociais, como a homossexualidade e o aborto, como razão pela qual já não se identificam com uma religião. Registe-se ainda que, pelo menos metade dos inquiridos em vários países, especialmente nos predominantemente católicos, citam escândalos entre o clero (PEW RESEARCH, 2018). Perante estes cenários de crise, tanto do desvinculo progressivo das populações às igrejas, como da instrumentalização da

religião por parte dos populismos, ficaria aqui em aberto o desafio à reflexão por parte das diferentes igrejas quanto futuro do papel da religião na sociedade e do envolvimento das mesmas no espaço público.

Conclusões

A Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia reconhece nos seus artigos 10 e 21 estabelece a todos os seus cidadãos liberdade de pensamento, consciência e religião, assim como a proibição de “qualquer discriminação com base em qualquer fundamento, como sexo, raça, cor, origem étnica ou social, características genéticas, idioma, religião ou crença, opinião política ou qualquer outra, pertença a uma minoria nacional, propriedade, nascimento, deficiência, idade ou orientação sexual e mesmo aquela em razão da nacionalidade” (FRA, 2009). De certa forma, estes valores fundamentais que têm a sua gênese na Convenção Europeia dos Direitos do Homem de 1950 e que refletem as ideias fundadoras da União Europeia, incluindo a solidariedade e a criação da paz após os horrores da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto, deveriam ser um travão aos ímpetus recentes dos populismos de extrema-direita que os rejeitam em parte ou na totalidade. Entretanto, o cristianismo, como religião fundacional do Ocidente, atravessa, em geral, uma crise profunda, alienando-se muitas vezes dos seus valores da defesa dos direitos humanos, da tolerância, solidariedade e acolhimento. Hoje, em muitas partes da Europa, pode-se questionar se estaremos ou não perante o rosto de um cristianismo ambíguo e superficial, que quase ou nada tem a ver com a mensagem proclamada por Jesus Cristo? Poderão as igrejas ter duas faces, sendo por vezes seduzida pelo discurso do populismo?

O Papa Francisco na sua recente encíclica *Fratelli Tutti*, na qual insiste na dimensão universal do amor fraterno, nos parágrafos 10 e 11 observa com apreensão o desvanecer do sonho de uma Europa unida perante o surgimento dos nacionalismos fechados, egoísmo e perda de sentido social. No capítulo V desta mesma Encíclica, onde disserta sobre “A Política Melhor”, aponta para

uma política colocada ao serviço do verdadeiro bem comum (§154). Esta política afasta-se de um populismo que surge quando o líder político instrumentaliza a cultura do povo, como sinal ideológico ao serviço do seu projeto pessoal e da sua perpetuação no poder: “Nos últimos anos, os termos «populismo» e «populista» invadiram os meios de comunicação e a linguagem em geral, perdendo assim o valor que poderiam conter para compor uma das polaridades da sociedade dividida. Chegou-se ao ponto de pretender classificar os indivíduos, os grupos, as sociedades e os governos a partir da divisão binária «populista» ou «não populista». Já não é possível que alguém manifeste a sua opinião sobre um tema qualquer, sem tentarem classificá-lo num desses dois polos: umas vezes para o desacreditar injustamente, outras para o exaltar desmedidamente.” (POPE FRANCIS, 2020)

Também o atual líder da Igreja Anglicana, o Arcebispo de Cantuária Justin Welby em entrevista ao Vatican News e ao Osservatore Romano e a respeito dos populismos, observou que “Estamos no mesmo barco (ou, mesmo que estejamos em barcos diferentes, estamos no mesmo mar e enfrentando a mesma tempestade) e que devemos procurar cuidar de nós próprios e das nossas comunidades, tirando força e coragem uns dos outros e caminhando juntos. O medo leva-nos a colocar as barreiras de que falei há pouco. Quanto mais as pessoas são apanhadas pelo medo, e quanto mais esses medos são jogados e manipulados pelos líderes políticos, mais a Igreja é chamada a demonstrar algo mais: hospitalidade, serviço e amor.” (WELBY, 2020). O próprio arcebispo, no seu discurso de abertura no Sínodo da Igreja da Inglaterra em 2017 e ainda no rescaldo dos resultados do referendo sobre a permanência do Reino Unido na Europa, afirmara que “Há mil maneiras de explicar o voto Brexit, ou a eleição do Presidente Trump, ou a força nas sondagens na Holanda de Geert Wilders ou em França de Madame Le Pen e muitos, outros líderes de uma tradição nacionalista, populista, ou mesmo fascista da política” (WELBY, 2017).

Seria mais que urgente que os cristãos recuperassem essa prática ancestral do acolhimento do outro, a qual é um dos pilares basilares da fé das religiões abraâmicas. Na literatura rabínica o exercício da hospitalidade é considerado como um dever (mitzvá) essencialmente ligado ao amor, à

caridade. Nas próprias escrituras cristãs, vemos o próprio Jesus identificando-se com os estrangeiros, “Eu era estrangeiro e acolheste-me”. Quem acolhe o estrangeiro, o refugiado, o fragilizado, acolhe o próprio Deus em pessoa (BÍBLIA, 2018, p.141). A própria tradição islâmica de hospitalidade está repleta de histórias de refugiados e representa, com a sua injunção de que "procurar asilo não é apenas um direito, mas um dever, a fim de preservar a nossa dignidade humana dada por Deus" e cuja tradição da hospitalidade assenta na experiência do Profeta Maomé, para quem a prática de *jiwār* (conceder proteção e assistência àquele que procura refúgio) foi uma componente essencial da sua missão profética. (ZAMAN, 2016).

O discurso populista, através da instrumentalização da religião, encontra infelizmente algum recolhimento junto de igrejas ou comunidades religiosas de cariz mais conservadora, fundamentalista e intransigentes com os progressos alcançados na igualdade e ideologia do género, praticas abortivas e casamento homoafetivo. O atual Papa Francisco vai dando mostras, embora de uma maneira subtil, de alterar muito do discurso religioso ensaiando novas hermenêuticas dos textos sagrados e doutrinas da igreja. No final de uma entrevista à BBC, em abril de 2019, afirmou a um jovem assumidamente homossexual que “dar mais importância ao adjetivo em vez do nome, não é bom. Somos todos seres humanos e temos dignidade. Não importa quem és ou como vives a tua vida, não perdes a tua dignidade. Há pessoas que preferem seleccionar ou descartar pessoas por causa do adjetivo — estas pessoas não têm um coração humano” (CRUX, 2019). Muito recentemente, apoiou mesmo a união civil entre pessoas do mesmo sexo, afirmando que “O que temos que criar é uma lei da união civil. Dessa forma, eles estão legalmente protegidos” (EURONEWS, 2020).

As igrejas cristãs terão ainda um longo caminho a percorrer na luta contra os discursos demagógicos do populismo. Poderão certamente desempenhar um papel preponderante na sociedade e no mundo, recuperando primariamente essa teologia de rosto humano que constrói pontes e não barreiras, que acolhe e não expulsa, e que é igualmente solidária, construtora de paz e de concórdia numa Europa que se deseja cada vez mais fraterna e justa.

Bibliografia

AGIUS, Christine, ROSAMOND, Annika Bergman & KINNVALL, Catarina. Populism, Ontological Insecurity and Gendered Nationalism: Masculinity, Climate Denial and Covid-19. 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21567689.2020.1851871>, acessado em dezembro 2021.

AL-ALI, Nadjie, YUVAL-DAVIS, Nira. Introduction to Special Issue on Gender and Fundamentalisms. 2017. Disponível em: <https://journals.warwick.ac.uk/index.php/feministdissent/article/view/96/225>, acessado em dezembro de 2021.

BÍBLIA, N. T. Evangelho Segundo Mateus. In: A Bíblia - Livro 1: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos. Tradução: Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal Editores, 2018.

BOROS, Tamás, FUNK, Marco, GIUSTO, Hedwig, GRUBER, Oliver, KYAMBI, Sarah, LE BRAS, Hervé, PELLING, Lisa, RINKE, Timo, SCHOLLE, Thilo, TROIANI, Luigi. European public opinions and migration: Achieving common progressive narratives. FEPS – Foundation for European Progressive Studies. 2019.

BRISSOS-LINO, José, MONIZ, Jorge Botelho. Populismo religioso e secularização. Edições Universitárias Lusófonas, Grandes Debates da Atualidade - Nº 8, 2021.

CRUX - Pope Francis tells gay man «you do not lose your dignity» on BBC show Crux, 19 Abr. 2019. Disponível em <https://cruxnow.com/church-in-uk-and-ireland/2019/04/19/pope-francis-tells-gay-man-you-do-not-lose-your-dignity-on-bbc-show/>, acessado em dezembro de 2021.

DIETZE, Gabriele & ROTH Julia. Right-Wing Populism and Gender. European Perspectives and Beyond. Transcript publishing, 2020
EURONEWS - Pope Francis gives landmark endorsement of same-sex civil unions, 21/10/2020. Disponível em <https://www.euronews.com/2020/10/21/pope-francis-gives-landmark-endorsement-of-same-sex-civil-unions>, acessado em dezembro de 2021.

EUROPEAN COMMISSION. Special Eurobarometer 469. 2018
Integration of immigrants in the European Union. Disponível em:

<http://www.europeanmigrationlaw.eu/documents/EuroBarometer-IntegrationOfMigrantsintheEU.pdf>, acessado em dezembro de 2021.

EUROPEAN COMMISSION. The EU and the refugee crisis. 2016. Disponível em: <https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/1aa55791-3875-4612-9b40-a73a593065a3>, acessado em dezembro de 2021.

FRA. EU Charter of Fundamental Rights. European Union Agency For Fundamental Rights, 2009. Disponível em: <https://fra.europa.eu/en/eu-charter>, acessado em dezembro de 2021.

HALÍK, Tomáš. Pseudoreligião da palavra "F": Um exemplo da patologia religiosa. Paulinas Editora, 2020.

CARVALHO, Miguel. Chega, SA - Por dentro do Reino de 'Deus' Ventura". Visão Nº 1420 de 21 de maio de 2020.

MODOOD, Tariq. Moderate secularism: a European conception. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/en/moderate-secularism-european-conception/>, acessado em dezembro 2021.

MORIESON, Nicholas. Religion and the Populist Radical Right: Secular Christianity and Populism in Western Europe. Vernon Press, 2021.

MUDDE, Cas & KALTWASSER, Cristóbal Rovira. Populism. The Oxford Handbook of Political Ideologies. Oxford University Press 2013.

ORBÁN, Viktor. We Shall Do Our Utmost To Ensure That Europe Remains European. Hungarian PM Viktor Orbán Christmas Message In Full. 2017. Disponível em: <https://hungarytoday.hu/shall-utmost-ensure-europe-remains-european-hungarian-pm-viktor-orban-christmas-message-full-30520/> acessado em dezembro de 2021.

PEW RESEARCH CENTER. Being Christian in Western Europe. Disponível em: <https://www.pewforum.org/2018/05/29/being-christian-in-western-europe/>, acessado em dezembro de 2021.

PEW RESEARCH CENTER. Religious Belief and National Belonging in Central and Eastern Europe. Disponível em: <https://www.pewforum.org/2017/05/10/religious-belief-and-national->

belonging-in-central-and-eastern-europe/, acessado em dezembro de 2021.

ROUTERS. Hungary amends constitution to redefine family, limits gay adoption. 2020. Disponível em:

<https://www.reuters.com/article/hungary-lgbt-idUSKBN28P1N8>,
acessado em dezembro 2021.

POPE FRANCIS. Visit to Lampedusa. Homily of Holy Father Francis, 2013. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html, acessado em dezembro 2021.

POPE FRANCIS. Encyclical Letter Fratelli Tutti of The Holy Father Francis on fraternity and social friendship, 2020. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/en/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html, acessado em dezembro 2021.

POPE FRANCIS. Visit to Lampedusa. Apostolic Journey of His Holiness Francis to Cyprus and Greece (2-6 december 2021). Meeting with

Authorities, Civil Society and the Diplomatic Corps. Disponível em:
<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/december/documents/20211204-grecia-autorita.html>, acessado em dezembro 2021.

MITH, Greg & WOODHEAD, Linda. Religion and Brexit: populism and the Church of England, 2018. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09637494.2018.1483861>,
acessado em dezembro 2021.

STATISTA. Religion in Europe - Statistics and Facts, 2021. Disponível em: <https://www.statista.com/topics/3977/religion-in-europe/>, acessado em dezembro 2021.

TURNER, Bryan S. Populism and the Crisis of Democracy Volume 3: Migration, Gender and Religion. Routledge, 2019.

WELBY, Justin. General Synod: Archbishop of Canterbury's Presidential Address, 2017. Disponível em:

<https://www.archbishopofcanterbury.org/speaking-and->

writing/speeches/general-synod-archbishop-canterburys-presidential-address, acessado em dezembro 2021.

WELBY, Justin. May Christians face pandemic in unity, 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/en/church/news/2020-11/anglican-archbishop-justin-welby-canturbury-interview.html>, acessado em dezembro 2021.

ZAMAN, Tahir. A Right to Neighbourhood. Rethinking Islamic Narratives and Practices of Hospitality in a Sedentary World in The Refugee Crisis and Religion. Rowman & Littlefield Publishers, 2016.

ZÚQUETE, Jose Pedro. Populism and Religion, The Oxford Handbook of Populism. Vernon Press, 2021.

ⁱ Nota de esclarecimento: Quanto ao uso, de algumas palavras no Português de Portugal, no artigo intitulado "As Igrejas cristãs e o fenómeno do populismo na Europa: O rosto de um cristianismo ambíguo", publicado na data de 10/11/2022, gostaríamos de esclarecer que essa escolha linguística foi intencional e fundamentada em razões específicas".

Recebido em: 20/10/2022.

Aprovado em: 06/11/2022.

Publicado em: 10/11/2022